ANO 7.º | Sexta-feira, 31 de Julho de 1914 | NUMERO 333

O DEMOCRATA

(A VENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

O que é ser republicano

Parecerá, por ventura, impertinencia de caturra o vir, a quasi quatro anos de vigencia da Republica, dizer o que é ser republicano; mas se bem pensarmos, convencer-nos-hemos de que sempre é ocasião, e quiçá agora mais do que nunca, de assentarmos as qualidades que devem caracterisar um republicano na acepção moderna da palavra. Não é republicano quem o quer ser; só o é aquele que por educação, por sentimento e por arraigada convicção, proveniente dos outros dois factores, chega a ter a consciencia nitida e precisa dos seus direitos de cidadão.

Nos velhos e saudosos tempos de propaganda tivémos mais duma vez ensejo de apreciar quanto muitas vezes alguns propagandistas, a cuja sinceridade rendemos as nossas homenagens, andavam distanciados do verdadeiro espirito republicano moderno; este encarava a Republica como instituição rigida e imutavel através dos tempos, querendo restaurar, por inconcebivel marasmo mental, as republicas da velha Grecia ou a da antiga Roma, apresentando á admiração das multidões as figuras dum Pericles, dum Catão ou dum Cincinato, muito dignas e levantadas no meio e na época em que viveram, mas que hoje caíriam por anacronicas, aquêle, extasiado com os fulgores brilhantes que da Revolução resaltam, ardia em ingenuo fogo jacobino e só se sentia satisfeito quando proclamava a necessidade de se enforcar o ultimo rei nas tripas do ultimo padre, embora, façamos-lhe éssa justiça, o enforcamento fosse apenas metafórico.

Ora nada disto é ser republicano e qualquer de nós sacrificaria a propria vida para impedir, por exemplo, que alguem organisasse uma Republica á semelhança da de Venesa com toda a sua aristocracia plutocratica, com os seus quadrilheiros e esbirros contra cuja sanha ninguem estava seguro. Qual de nós tambem, por exemplo, se não revoltaria, se possivel fosse dar vida, em pleno seculo XX, á constituição consular de Roma ou até mesmo á constituíção *democratica* de Atenas, que, em nossos dias, sería a negação da democracia?

A ideia de Republica tem caminhado numa escala ascendente de aperfeiçoamento e de expansão de tal maneira que hoje sintetiza o conjuncto maximo de perfeições que o homem possa atingir na vida política-social.

Ser republicano é hoje ser o defensor dos pequenos e dos humildes, para que eles se elevem e possam adquirir o maximo desenvolvimento das suas personalidades; é procurar encaminhar os povos pela estrada larga e bem resguardada dos calores ardentes do estio da emancipação humana sob todos os seus aspectos, preparando-lhes e facilitando-lhes a chegada á confraternisação da humanidade.

Ser republicano é prezar, acima de tudo, os principios de que hoje, fingidos vencidos da vida, tanto desdenham em sorrisos que só denunciam a sua imbecilidade; ser republicano é protestar e combater sem treguas todos os preconceitos, todos os privilegios e todas as oligarquias que ofendam a dignidade do homem quer individual, quer colectivamente considerado.

E os principios que hoje constituem a estructura espiritual do verdadeiro republicano são, além do velho trilema de liberdade, igualdade e fraternidade, a solidariedade, a tolerancia, a justiça inflexivel e o respeito pela humanidade. Todo aquele que não albergue estes sentimentos, todo aquele que na administração não seja duma austeridade tão grande que a calunia resvale inerte e fria quando dementada e odienta o pretenda ferir, será o que quizerem, mas, em minha opinião, não é um republicano.

O verdadeiro republicanismo é hoje sinonimo de democracia pura, austera e desinteressada. Onde não haja o espirito democratico, esmagador de todos os privilegios, abolidor de todas as castas, onde não exista a abnegação pelos interesses colectivos, sobrepondo-os sempre ás paixões cegas e perniciosas do individuo que só vê a razão ultima de ser na satisfação de todos os seus caprichos e veleidades, tantas vezes morbidas, aí não ha republicanismo, aí existe apenas um anacronismo que não se póde casar com os rasgados e limpidos horisontes do pensamento moderno.

A tolerancia é uma das caracteristicas primaciaes e inconfundiveis do homem superior e moderno; o intolerante é um troglodita que anda perdido nas sociedades de hoje, é um ser extravagante cuja vida quasi se nos afigura uma monstruosidade. Mas a tolerancia não significa fraqueza, não quer dizer transigencia, duas qualidades negativas de que o homem com o tempo se ha-de tambem expurgar; a tolerancia reside no respeito pelo pensamento alheio, respeito que não exclue, antes ordena, o combate sereno e altivo no mundo das ideias. O *crê ou morres* é a negação do republicanismo moderno e só monarquicos, eivados de todos os erros dum passado doloroso pela luta cruenta que a humanidade travava para o seu gradual aperfeiçoamento, o pódem ainda hoje perfilhar ou aconselhar.

Convençâmos, persuadâmos, fazendo incidir feixes de luz nos cerebros mais obscurecidos; desfaçâmos, dia a dia, hora a hora, com o alvião da ideia moderna todas as camadas profundas e densas que representam na estructura psiquica do homem os sedimentos que aí teem depositado os longos seculos da sua existencia na terra. E na convicção e na persuasão não esqueçâmos nunca de afirmar a ideia de que a liberdade, tão apreciada pelo homem, ideia magica que á sua simples aparição faz mover as multidões, não é, não foi, nem nunca será o direito de cada um fazer o que quizer. Não; a liberdade pura e sã é aquéla que permite a expansão plena do individuo a dentro da sua esfera de acção, esfera éssa que tem a limitá-la a coordenação dos nossos direitos com os dos nossos concidadãos.

O respeito pela lei, cumprindo-a integralmente, é tambem uma das caracteristicas do republicanismo; a ninguem, por maiores que sejam os seus serviços, por mais elevada que seja a função social que transitoriamente desempenhe, é permitido, no regimen igualitario da republica, desrespeitar a lei, sem que se sujeite ás consequencias que dêsse desrespeito provenham. Não porque a lei seja um idolo ou um manipanso perante o qual todos devamos ajoelhar, mas porque éla é o resultado da convenção estabelecida entre todos os cidadãos da mesma patria e só por uma outra convenção de igual origem deve ser postergada.

Solidarios na mesma obra de melhoria de condições de existencia de todos os oprimidos hão-de ser os que na verdade sejam republicanos. Afrontar a miseria de tantas bocas hiantes pedindo pão, com o espetaculo espalhafotoso de riquezas escusadas e improdutivas é improprio de republicanos. As vestes reluzentes, recamadas de ouro, os trajos roçagantes e faiscantes de pedrarias só servem de digna moldura aos quadros dos tempos idos em que a monarquia e a egreja, á compita, deslumbravam pelo luxo os olhos pasmados dos párias da sociedade.

Ser republicano é ser justo, ser humano, sabendo compreender as dores e miserias dos nossos similhantes, correndo a minorar-lhes, não com a mira em qualquer recompensa eterna em outra vida, mas muito singela e muito desprendidamente com a consciencia de quem cumpre o mais elementar dos deveres. Ser republicano é ainda prestar tão grande culto á verdade que por éla nos deixemos matar; na verdade está a dignificação do homem, sómente o que pretende ludibriar o seu semelhante; a mentira é mais um dos resquicios que as civilisações incompletas do passado nos legaram.

Ser republicano, finalmente, é vêr no poder apenas uma delegação transitoria dos nossos concidadãos; é apaziguar, é dulcificar, é amaciar todas as asperezas que o jogo tão desencontrado de interesses, suscitado por uma pessima organisação economica, faz surgir; é apontar para o futuro e marchar para ele serenamente, com a firmeza inabalavel da consciencia, e proclamar a emancipação gradual da humanidade, desfraldando uma bandeira limpida de paz, de amor e de cooperação.

Agostinho Fortes

Films . . .

Ora essa

Convida-nos o *Progresso* a que lhe digâmos, sem hesitações, qual é o chefe do partido democratico *neste concelho*. Com todo o gosto, o maximo prazer e sem matutarmos, como deseja, é o *Bichêsa*. Não conhecemos outro. *Republico* e *libaral* da velha guarda, com larga folha de serviços á causa, *grande prestigio* e portanto unico nas condições de ser considerado como tal, *una voce*, esse—o *Bichêsa*... E não se persuada que troçâmos. E' só olhar-lhe para o todo, ainda mesmo quando não leve pasta...

Eles saem-se

Muito interessantes umas correspondencias desta cidade aparecidas num pasquim de Lisboa, que se publica aos domingos *com a devida permissão da Autoridade Eclesiastica*, e que bastante sensação teem feito no *Quelhas* entre a bela sociedade reunida em fraternal convivio. Se assim fôr sempre... Mas está-nos a parecer que a graça é só enquanto o correspondente se não lembra de aludir ao chinó do *tinhoso*, nome porque era conhecido pelo *Pulha*, pae, o atual correligionario do *catolico* filho.

E mais póde ser que nos enganêmos. Questão de tempo...

Nada disso

O *Progresso* atribue-nos uma insinuação e uma falsidade por, no ultimo numero, dizermos que o evolucionismo tem em Aveiro tantos chefes que afinal se não sabe, quando é preciso, qual deles o representa.

Ora esta conclusão não a tirámos nós, mas sim o encarregado de se avistar com alguem do grupo que o devia representar na reunião do govêrno civil e não compareceu. Ergo, por consequencia, não ha insinuação nem ha falsidade: ha apenas a reprodução daquilo que anda na boca de muita gente.

Outro

Chega-nos o numero da papelêta de Agueda, desaderida da Republica, onde o *Mijareta*, crismado pelo *Pulha de Aveiro*, se atira ao celeberrimo transfuga por este estar, em Paris, *magoando monarquicos, e monarquicos de nome, de sacrificios e dedicação*, como o *creaturo* da rua do Sol, dizendo a cérta altura:

. . . .

«Eu que tenho sido um sincéro admirador desse jornal, como sincéro admirador sou de quem o redige; eu que, dentro da verdade e da justiça, nunca deixei de reconhecer os serviços que esse jornalista vigoroso tem prestado á causa patriotica que defendo, e pela qual tenho sofrido tanto, não posso—tanto é o que me chega aos ouvidos—deixar agora de verberar o seu procedimento, tal é o mal que está causando, tal é a desunião que promove entre os monarquicos, etc., etc.»

Estes, estes é que a sabem toda e a levam direita... Aprenderam em bom tempo, com os melhores professores a não ter vergonha e agora o triste espectaculo que se vê—nem pejo, nem pudor.

Louvado seja Deus...

Do mesmo

Com enfase:

. . . .

«Que cessem as lutas e as desavenças e que, duma vez para sempre, se fique sabendo que, em Portugal, no campo dos monarquicos, por convicção e por principio, não se conhece outra formula politica que não seja a restauração do Senhor D. Manuel 2.º, Rei querido e desejado.

Pois se os republicanos já hoje só vivem das nossas desavenças e do nosso pouco senso, porque não os matâmos de uma vez?!!»

Jaime Duarte Silva

E' o matas... Não se lembra o figurão que ainda ha na Vera-Cruz *republicanos* capazes de primeiro lhe tirarem os figados... Disso não se lembra o *conselheiro*...

Mas para quê?

Noticiaram os jornaes que o sr. governador civil de Aveiro e dr. Augusto de Oliveira, chefe da comissão de execução da lei da Separação, conferenciaram com o sr. ministro da Justiça ácêrca do facto de algumas juntas de paroquia deste distrito impedirem os sacerdotes da realisação de actos do culto.

Mas para que é isso, sr. dr. Gil? Não está a lei bem clara e expressa quando diz na portaria, com data de 30 de dezembro de 1912, esclarecendo os direitos e atribuições das juntas de paroquia, resultantes do disposto no artigo 106 da Lei da Separação, que dele resulta naturalmente que o *exercicio de funções* nos edificios de que se trata, *por quaisquer ministros do culto*, importando sem duvida o uso dos edificios e mobiliarios que os guarnecem, **depende do prévio assentimento ou permissão das colectividades que a esse uso tem direito?** Não sabe isto o sr. governador de Aveiro?

O que se passa não tem explicação. E' o pacto, com os inimigos da Republica, da autoridade superior do distrito, agravado pelos imperdoaveis vexames a que deu logar a estranha atitude do sr. dr. Augusto Gil.

Pois nós é que não vamos nesse *bote*.

Por Deus!

O descaramento com que isto se escreve:

«E' hoje, no dia em que, longe de Portugal, na terra previligiada da Virgem Imaculada, se está celebrando o vigessimo quinto Congresso Eucaristico, a *Restauração*, jornal catolico, monarquico e conservador, defensor das tradições e da glória dum povo cristão entre os cristãos, do seu posto de combate sauda os dignissimos representantes de todo o orbe catolico e depõe aos pés do Sumo Pontifice a homenagem do seu infinito respeito.»

Se o filho não havia de saír ao pae! Não havia de ter a mesma *fé*, a mesma *crença*, a mesma *sinceridade!* Fé que nós *insultâmos*, crença que nós *enxovalhâmos*, sinceridade que por nós é *caluniada!*

O' bandalhos! Que de corruptos nem palavras encontrâmos para vos classificar tão profundamente descesteis na escala da imoralidade!

E não se levanta Ferrer do tumulo para castigar os biltres que tanto o comprometeram, elogiando a sua obra!...

Pois não

Andam agora muito empenhados em demonstrar a valentia de D. Manuel, os realistas. E o que eles se esfalfam. Uma lenda, a fuga da Ericeira. Porque, dizem eles, *um Bragança não foge!*

Pois não. Quando muito retira... a tempo e horas...

E já é saber alguma coisa.

Artigo

E' transcrito do nosso colega lisbonense, *O Povo*, o que em fundo hoje publicâmos da penna do erudito professor e publicista, sr. Agostinho Fortes.

Não o terão lido os *camaleões* da Vera-Cruz, que a respeito de ideias as amoldam consoante as suas conveniencias; mas temos um grande palpite—lêem-no ainda, e então hão-de sentir, como os burros picados pelas esporas do cavaleiro, as judiciosas conclusões tiradas pelo nosso brilhante camarada do *Povo* no seu artigo.

Se é que ainda são susceptiveis de sentir alguma coisa, o que duvidâmos.

Capitanía do porto

A' frente désta repartição local foi agora colocado, tomando no sábado posse, o capitão de fragata, sr. Jaime Afreixo, que em tempo exerceu identicas funções com inteligencia e isenção.

O nosso amigo sr. Silverio da Rocha e Cunha, primeiro tenente da armada, ficará como adjunto enquanto lhe não fôr entregue o comando dum navio, que dentro em bréve lhe será confiado.

Os partidos politicos em Portugal

Após o compromisso tomado entre os dirigentes dos grupos politicos para a aprovação duma nova lei eleitoral, cujo fim unico era a justificada necessidade de harmonisar a representação parlamentar, os evolucionistas resolvem não comparecer ás sessões, justificando a sua atitude numa larga moção, com multiplos considerandos qual deles o menos verdadeiro e rasoavel, a 24 horas da inauguração dos trabalhos.

Os unionistas, pela boca do seu *leader*, que ainda não desmentiu a verdade de tal afirmativa, comprometeram-se tambem com o chefe do Estado e com o chefe do govêrno a assistir ás sessões, garantindo assim a discussão do projecto tão necessario quanto oportuno.

Apesar, porém, do compromisso tomado o sr. Brito Camacho ruminou com vagar e tempo nas consequencias que de tal projecto adviriam para o seu partido, e com aquela reconhecida mestria, que é a sua melhor recomendação e que já lhe trouxe a designação de—*ratazana-politica*—apegou-se á referencia feita na acta da ultima sessão, ao estafado caso de Rodam, pretendendo que fosse votado o parecer da comissão de infracções, relativo á perda de mandato do deputado Antonio Maria da Silva. Era o pretexto, para a resolução tomada por sua ex.ª. Como não podia deixar de ser, a maioria regeitou o requerimento. O argumento não colhia visto reconhecer-se ser absolutamente valida a ultima sessão da câmara.

Mas qual era a peregrina justificação do sr. Camacho feita no seu processo de reviver acintosa e calculadamente a situação do sr. Antonio Maria da Silva, justificação que o sr. Brito Camacho procurou tornar extensiva ao seu procedimento futuro?

Era simplesmente esta: sendo cérto que a questão do mandato ficára resolvida na ultima sessão, prolungada até á manhã do dia 1 pela interrupção sofrida enquanto durou a do Congresso, o sr. Camacho não o entendia assim.

E' espantoso!

Apezar, porém, de tão extraordinario criterio, o sr. Afonso Costa enviou para a meza uma declaração, mais que suficiente pela sua doutrina, rigorosamente constitucional, a calar todas as duvidas e todo o puritanismo do sr. Camacho, que, conhecendo da falsa situação em que se encontrava, não esperou sequer que ela fosse lida na meza.

Esse documento, que entendemos deve ficar consignado nas colunas do *Democrata*, diz assim:

«Afonso Costa, por si e devidamente autorisado pelos seus amigos da maioria da Câmara, declara que a rejeição do requerimento do sr. dr. Brito Camacho lhe é imposta pela obediencia ao voto anterior da Câmara e aos preceitos constitucionais e regimentais, significando, porém, ao mesmo tempo que fica confirmada a votação da sessão nocturna de 30 de junho ultimo, pela qual foi aprovado o parecer da maioria da comissão de infracções.»

O sr. Brito Camacho, todavia, a nada quiz atender e na sua atitude anti-politica e anti-patriotica, fugindo do Congresso, nem provou reconhecer, com as pretensões de politico esperto e prudente com que se pavoneia, que tendo sido admitido o seu primeiro requerimento e sobre o qual incidiu uma votação, validando assim a ultima sessão, a maioria de novo admitiu outro no qual era proposto que fosse votado o parecer da comissão sobre o caso de Rodam. E, como tudo isso fosse pouco para provar a lealdade e correcção da maioria democratica, esta, por intermedio do seu *leader*, faz a respectiva declaração de voto, atribuindo a esta votação o valor de uma confirmação da que fôra feita na ultima sessão da Câmara.

Mas o sr. Brito Camacho nada e naquêle arrepio de face que lhe eriça os espigados pêlos do bigode e encurva as sobrancelhas, contraindo-lhe os labios, abandonou S. Bento, sem se importar que, em tal gesto, se ferissem os interesses da nação, desrespeitasse as instituições, faltando ao compromisso tomado com a pessoa do Chefe do Estado e do chefe do Govêrno.

Mesquinhos e pequeninos homens que não sabem nos seus actos corresponder ás suas palavras!

Insignificantes creaturas que supondo-se aptas para a direcção suprema dos negocios politicos de um povo, esquecem a responsabilidade da sua situação para se deixarem vencer pela sentimentalidade, má ou boa, que as domina num determinado momento!

Mas como o sr. Antonio José de Almeida, o sr. Camacho, iludindo-se, supõe que entrincheirado na sua intransigencia calculada e medida chamará a si o aplauso da nação com prejuizo do partido democratico, seu adversario politico! Pura ilusão!

Déssa atitude provadamente errada e profundamente prejudicial para o país, o sr. Almeida e o sr. Camacho só conseguem dar mais força, mais prestigio ao partido democratico, evidenciando no seu atribulado procedimento o proprio desequilibrio da sua orientação e marcha, sem outro proveito mais do que prejudicar o regular funcionamento politico nacional.

Reunido, pois, o Congresso, ele de novo se encerra, sem votar, por absoluta ausencia de evolucionistas e unionistas nas duas Câmaras, o novo projecto de lei eleitoral, cujo principal fim era a redução dos representantes do país de 235 a 164, o que para este constituia uma grande vantagem e economia.

Far-se-hão portanto as novas eleições pela antiga lei do Govêrno Provisorio, que mantém os 235 deputados e assim póde ser que os chefes dos dois partidos levem á Câmara mais algum amigo...

Não são, pois, os altos interesses economicos e politicos que demovem os inimigos do sr. Afonso Costa.

São, antes, as conveniencias e paixões pessoaes, que os guiam e arrastam, seguindo até as indicações que a imprensa monarquica, pela penna dos seus mais famigerados dirigentes, lhe apontam e indicam.

Por isso, embora com magoa, repetimos—a crise politica que neste momento atravessa o país não atinge o regimen que está evidentemente cada vez mais identificado com ele.

A crise é apenas dos politicos sem criterio nem patriotismo, cegos pela paixão e pelo odio, esmagados pela sua propria insignificancia cada vez mais demonstrada nos seus processos infelizes e indignos, como aquêle agora por eles usado durante o funcionamento das Câmaras nésta semana.

Mas o país apreciará e julgará, com justiça, quem é, afinal, que tem razão.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CAUSAS E EFEITOS

A atitude do sr. governador civil, sobrepondo-se á lei da Separação, dá logar a uma parada reaccionaria

Padre Pato & C.ª em scena

Como consequencia natural e logica da atitude do sr. governador civil na questão de Esgueira respeitante á tramoia urdida pelo famigerado protegido de João Franco, ditador de sangrenta memoria, o muito reverendo padre Gil e seus sequazes, logo dóse dos *mesmos sentimentos religiosos* invadiu o reverendo vigario das Aradas, que, comunicando aos seus reduzidos amigos a nova feição que a autoridade superior do distrito, com manifesta ofensa da lei, dava ás cousas, necessario era aproveitar... com tempo...

Em amizade ás instituições, respeito á lei, elevação de sentimentos, pureza da consciencia e até na conjungação de penitencias, jejuns e martirios carnaes, o prior de Esgueira, padre Gil e o vigario das Aradas, padre Pato—são um *pendant* dos mais completos, especiaes modelos de virtudes, candidas almas que a falta dumas azas, mesmo de pau, apagam a caracteristica de verdadeiros anjos da côrte celestial, em serviço provisorio, cada qual no seu rebanho, embora, infelizmente, no dizer evangelico daquelas santas creaturas, os ventos infernaes dos pecaminosos tempos presentes—tempos que vão correndo—tenham tresmalhado muitas cabeças, que davam não só a bôa lã á tosquia, como forneciam outros proventos que as prateleiras da dispensa e os canteiros da *modesta* adéga pódem atestar...

Pois quê? Então o sr. governador civil, ilustre e distinto poeta, arracado do seio das Musas e trazido ás cousas reaes da vida, embriagado ainda pelas etereas fascinações por onde o seu espirito evolava, ordena, salvador e decidido — qual outro Herodes—a abertura de par em par de todas as capelas, egrejas e oratorios, nem que para isso se tenham de arrombar as portas, sem querer saber das atribuições e deveres das corporações a quem a lei incumbe a guarda e a responsabilidade delas, e não havemos de ir tambem pedir-lhe a aplicação de tão famoso codigo, para Aradas?

O padre Gil, sem duvida, a virtude personificada, como autentico e completo representante de Cristo, uma das mais soberbas colunas da egreja, apoquentado, é cérto, com aquela doença de pele, que as más linguas tem querido atribuir a duvidosas proveniencias, mas que afinal é uma consequencia inerente ás penitencias a que o excelso servo do Senhor se submete, chegando a dormir no chão, com uma pedra por travesseiro, pois o tempo dos *bons colchões* já lá vae; o padre Gil, horrorisado deante da Cultual, da *lei infame* da Separação e das *afrontas* que dela derivam para a sua especial religião; que enguliu duma vez dezenas de particulas; despejou a agua benta das pias; escomungou a lei e a egreja e foi dizer missa para casa, no seu quarto de banho, é ou póde ser porventura mais do que o vigario das Aradas?

Apliquemos o grande principio moral do sapateiro de Braga—*Haja moralidade ou comam todos*—e explicada está a vinda do padre Pato de casaca, caminho da cidade, aprumado, chupando, com força, as ultimas fumaças que póde ainda aproveitar á ponta esguia dum cigarro... dos *almirantes*...

O sol bate em cheio a estrada e uma brisa fresca, soprada do norte, sacode os verdes e vastos milheiraes que se estendem pelos campos que a marginam e que o *eclesiastico bipede* percorre, magicando na execução do plano que a inesperada ocasião indica e aconselha.

— Vou com o Joaquim, rumina o viandante, e meto na dança o meu coléga Gomes da evolução, que não deixa de querer alguns votos, e toca a marchar.

Eis o borbotão de ideias que ao padre Pato jorravam do cerebro iluminado e fertil!

. . . .

Manhã quente. Sol vivo. Luz em abundancia, iluminando num intenso colorido a cidade, envolta numa poeira doirada como aureola que sobre éla levemente pouse.

De subito, irrompe na Praça Marquez de Pombal um centenar de homens do campo.

Os traseuntes páram surpresos e alguns apavorados. A atmosfera imprégna-se daquêle aroma especial e inerente ás grandes aglomerações... Na frente, abrindo caminho, o padre Pato, o coléga da evolução e o nosso conhecido dr. Joaquim Peixinho!

Cedêra, emfim! Ele bem acordou, bem clamou, referindo a sua atitude após a Republica...

Lembrou as suas palavras, as formaes declarações de que a politica, para ele, morrera; as referencias, por sinal bem desagradaveis, ao grande amigo de quem fôra *feld-marechal*, nos tempos aureos do poder, quando *isto* era tudo... 23:000 eleitores!...

Viveria para a sua vida—só para éla—para o govêrno e administração da sua casa e da nota. Nada; não cairia noutra; aproveitara, é certo, mas—com os diabos!—tambem gastou, trabalhou e têve em risco, algumas vezes, os luzidios coiros, quasi sempre com mais proveito para os outros...

Mas emfim era o velho, o dedicado amigo, o Pato, o seu rico Pato, o chistoso Pato, que o fazia rir com a inovação introduzida na apresentação das armas de S. Francisco—inovação exclusiva e unica que só a ele, de facto, pertencia. Depois—a intransigencia politica modificara-se: *o outro* viéra de Paris para o seu solar, e já ordena que se *organisem*...

Que diabo! O homem póde-o atraír de novo a politica, mesmo sem os 23:000 votos, mas com alguns, mais que não seja senão com os correspondentes ao primeiro algarismo do numero!

Agora com as eleições á porta e o padre Gomes, da evolução, ao ferrolho...

—A caminho!—bradou, emfim, decidido, o general.

E a... multidão devota, que acompanhára, arrebanhada, o seu pastor, move-se e arrasta-se, traduzindo as fisionomias dos que a compõem, a maior inconsciencia do papel que representam.

O sr. governador civil não está!

Ausente desde a vespera, esse facto desmancha um pouco os dirigentes da... *japonesa*, que resolvem, no entanto, entender-se com o ilustre secretário geral, dr. Joaquim de Mélo Freitas.

A assistencia escuta, anciosa, o grande prologo que o digno funcionario ouve descontente, pois que o orador Peixinho não expõe, grita, não solicita, enfurece-se!

E claro está com justificadissima razão...

Só quem não conhece os sentimentos religiosos do devoto bacharel!...

Ele é rente todos os domingos e mais dias santificados á missinha das onze, na Misericordia; ele foi a alma das exequias pela memoria do sr. José Luciano, a élas assistindo de joelhos na mais intima devoção, o que de resto acontece em todos os actos religiosos a que frequentemente assiste; ele é irmão do Santissimo, primo do sr. dos Passos e tio direito do senhor Sacramentado; ele, piedoso e crente, advogando principios religiosos agravados e ofendidos, não tinha naturalmente de inflamar-se, exaltar-se no proprio e espontaneo calor da defêsa da sua causa?

Ele não é de Arada, bem o sabemos, nada tem com aquéla gente, mas o Deus do padre Pato é tambem o seu Deus! E' fóra de duvida.

Além disso era preciso mostrar áquéla gente como ele falava ali, cuspindo, gritando, barafustando, em tom de quem manda e a quem obedecem...

De subito, porém, com espanto profundo do proprio bacharel, o seu embroglio indelicado e sacudido, improprio do assunto e do logar, claramente desrespeitoso para o funcionario que o escutava, é interrompido.

— V. Ex.ª não está no tribunal onde, de ordinario, abusa da sua situação. Aqui ou V. Ex.ª fala como deve, expondo o que deseja dentro das praxes da bôa educação e do respeito devido ou eu o mando pôr lá fóra, sem mais explicações!

O bacharel, atonito e engasgado, olha para o lado e depara com o Pato, de bico aberto, olhar mortiço, enrascado sériamente deante do rebanho que no intimo devia bem compreender a importancia daquela ave... Por sua vez o representante da evolução desaparece, como por encanto, e os ouvintes estacam com aquela cara que sempre deixa o efeito dum balde de agua fria escorrido por cima da cabeça da vitima!...

Tal situação era, sem duvida, o aniquilamento daquela importancia, falsa embora, mas que os *pategos*, conservavam e acreditavam como verdadeira.

Tremendo fiasco, que se tornava absolutamente indispensavel modificar.

Foi no largo, já. O advogado dos devotos tem uma ideia genial. Um telegrama para Lisboa vale bem mais que quantas explicações se possa dar a quem as nos quer ouvir...

—Saltem de lá tres vintens de cada bico!

—Bem lembrado, bem lembrado, diz o vigario.

E com aquela cara unica que é só dele, voltando-se para os amigos:

—São só tres vintens, indispensaveis para que a Cultual acabe e a egreja se abra. Os nossos inimigos e da egreja havemos de confundi-los. Dêem cá rapazes, dêem cá... os tres vintens...

Feita a colheita, pelos fieis, da esportula, foi ela aplicada realmente a um telegrama, mas em linguagem correcta e delicada, habitualmente uzada entre gente de bôa educação, compreendendo os seus deveres.

A lição aproveitára ao Joaquim; todavía, quem a pagou foi a pobre *pategada*, a seis centavos por cabeça.

Ainda em cima. Pobre gente! Joguete inconsciente nas mãos de estes comediantes indecentes e... pateados.

Excursão de Coimbra

—=(*)=—

E' esperada aqui no dia 9 de Agosto uma grandiosa excursão da antiga cidade universitaria para a qual se acham vendidos, segundo as ultimas noticias, 1:400 bilhetes, contando ainda a comissão, que a promove, obter da Companhia dos Caminhos de Ferro mais carruagens em virtude dos constantes pedidos de logares.

Os excursionistas far-se-ão acompanhar de algumas bandas de musica, as associações de classe trarão os seus estandartes e a câmara municipal, segundo o oficio que abaixo publicâmos, por tantos titulos honroso para esta cidade, será representada não só pelo seu vice-presidente, sr. dr. Antonio Leitão, mas ainda por uma comissão de vereadores que se comprometeram a vir na sua companhia.

Em Aveiro podemos desde já dizer que serão os excursionistas recebidos com as honras devidas, tratando as colectividades locaes, de acordo com a câmara, de organisar o programa das festas de esse dia e que será tão variado quanto possivel. Da-lo-hemos no proximo numero assim como outros informes sobre a visita anunciada pelos habitantes da lendaria terra a que já nos prendem os laços duma verdadeira amisade.

O oficio da câmara de Coimbra, ao qual fazemos alusão, é assim concebido:

Ao Ex.mo Presidente da Comissão Executiva do Municipio de Aveiro

As cidades de Aveiro e Coimbra vêem no momento atual a consagração bela e comovente das relações estreitas e amigas, que desde todos os tempos as prendem e dominam.

Trocam-se visitas, que intensificam ainda mais afeições e sentimentos, tão sigulares e atraentes são as homenagens recebidas.

Ha 8 anos (estio de 1906) houve entre as duas cidades excursões, nuuca olvidadas pelo seu brilho e entusiasmo.

No dia 5 de Julho corrente estivéram em Coimbra centenares de aveirenses, e não será facil esquecer a alegria, a espontaneidade das festas.

Nesta orientação, e seguindo o impulso geral, a Câmara Municipal de Coimbra (Comissão Executiva) resolveu ontem, com a mais entusiastica e unanime aclamação, o seguinte: dar a uma das melhores ruas do novo bairro do Penedo da Saudade o nome—*Rua Aveiro*; que fosse anunciada a V. Ex.ª a visita, que no dia 9 de Agosto será efectuada desta cidade a Aveiro; que figurassem na excursão o vice-presidente, dr. Antonio Leitão e uma comissão de vereadores.

Cumpro com prazer o que foi deliberado e mais uma vez presto á ilustre cidade de Aveiro, ao seu Municipio e a V. Ex.ª as minhas mais sincéras e sentidas homenagens.

Saude e Fraternidade.

Coimbra, 25 de Julho de 1914

O Presidente

Silvio Pélico Lopes Ferreira Néto

AUSTRIA E SERVIA

—=(*)=—

Devido ao rompimento de relações entre os dois países, está eminente uma conflagração europea que póde trazer sérias consequencias se os medianeiros da paz não evitarem, com a maior brevidade, a continuação do conflito.

Comunicam de Vienna, em data de 28, que a gazeta oficial, em edição especial, publicou já a declaração de guerra, que é do teor seguinte:

Não tendo o govêrno real da Servia respondido, de uma maneira satisfatoria, á nota que lhe fôra entregue pelo ministro da Austria-Hungria em Belgrado, na data de 23 de julho de 1914, o govêrno imperial e real vê-se na necessidade de prover, por si proprio, á salvaguarda dos seus direitos e interesses e de recorrer, para este efeito, á força das armas. A Austria-Hungria considera-se pois desde este momento em estado de guerra com a Servia,

O ministro dos negocios estrangeiros da Austria-Hungria

(a) **Conde Berchtold**

Os diarios veem já pormonorisando, com grande copia de noticias, o que dia a dia se conhece ácêrca de tão gràve assunto, tudo levando a crêr que tomará excepcionaes proporções a peleja caso prosigam as hostilidades entre os dois países.

Para pensar é, pois, a situação em face dos acontecimentos, cujos efeitos terriveis não tardará talvez muito que se façam sentir.

ACTO

Concluiu o 3.º ano de medicina na Universidade de Coimbra o nosso conterraneo e amigo, sr. José Vieira Gamélas, filho do considerado comerciante da nossa praça e prestimoso presidente da Associação Comercial, sr. José Gonçalves Gamélas.

Aluno distinto e aplicado, é com efusão que o felicitâmos, e a seu bom pae, por tão lisongeiro quanto honroso resultado final dos seus trabalhos escolares.

Notas mundanas

Tem passado algum tanto encomodado de saude o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, conceituado medico désta cidade.

=Fez ontem anos o sr. dr. Fernando Batista, de Agueda, a quem felicitâmos.

=Deve ter partido de Paris para a Suissa, tencionando depois visitar a Austria e a Italia, o nosso conterraneo e amigo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, medico militar.

=Pelo distinto oficial do exercito, sr. Zeferino Camossa Ferraz de Abreu foi ha dias pedida em casamento a sr.ª D. Berta de Lourdes Gama, filha do sr. Antonio Augusto Rodrigues Gama, escrivão da 4.ª vara civel do Porto.

O enlace efectuar-se-ha em Espinho onde os noivos residem.

=Com a classificação de optimo, *passou no exame do 1.º gráu a que foi submetida, a menina Maria Madalena Devêsa Lopes Coelho, enteada do sr. Joaquim Fernandes Martins, pelo que a felicitâmos e a sua familia.*

=Visitou-nos o sr. Isaias Vide, regente agricola, de Macieira de Cambra.

=Tambem aqui estiveram os srs. Antonio da Cunha e Silva, de Válega; Manuel de Oliveira Santos, de Alquerubim; João Maria da Silva Henriques, de Veiros; João Sineiro, do Bóco e Antonio Teixeira da Silva, de Macieira de Cambra.

=Regressou do Gerez á sua casa de Macinhata do Vouga após ter percorrido em veligiatura algumas terras do norte, o sr. José Simões da Silva.

=Partiu para Guimarães com demora de alguns dias, o sr. Paulo Guimarães.

Dr. Avelino Rodrigues

Foi nomeado consul em Belo Horisonte, Minas Geraes (Brazil) este nosso ilustre amigo que, como funcionario da Republica, se tem distinguido dentre os que melhores serviços lhe têm prestado.

Afectuosamente o cumprimentâmos.

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

Realisou-se no sabado a sessão ordinaria da comissão executiva sob a presidencia do sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro e assistencia dos restantes vogaes: dr. Samuel Maia, dr. Elisio Sucena e dr. Eugenio Sampaio Duarte.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do expediente assim como do balancête do tesoureiro acusando em cofre a quantia de 86$36.

A seguir aprovou o orçamento ordinario para o ano economico de 1914-1915 da confraria do Santissimo, da freguezia da Gloria, concelho de Aveiro, bem como as contas do ano civil de 1913 das câmaras munipaes de Estarreja, Ilhavo, Anadia e Macieira de Cambra. Aprovou tambem as contas do ano economico de 1912-1913 das seguintes irmandades: das Almas, freguezia do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro e do Santissimo e das Almas, da freguezia de Cezár, concelho de Oliveiro de Azemeis.

Tomando conhecimento da admissão de dois menores abandonados, no Asilo Escola, secção masculina, um pertencente ao concelho de Espinho, outro ao concelho de Agueda, deliberou corroborar o internamento, baseado no artigo 6.º do novo regulamento, quanto ao primeiro, e atender ás reclamações da câmara de Agueda, reservando-se o direito de sobre elas se pronunciar logo que para isso tenha colhido os necessarios elementos.

Por fim indeferiu um requerimento do cidadão Amadeu Ferreira da Rocha Madail que pedia uma asilada para o seu serviço domestico visto atualmente não existir nenhuma em condições de servir e autorisou pagamentos na importancia de 255$23.

Figuras de relevo

—=(*)=—

GUNHA E COSTA

«Ao meio dia de 2 de dezembro de 1898 entrava a barra o *Adamastor* da marinha portuguêsa.

A colonia preparou-se para receber os marinheiros seus compatriotas, com as festas mais brilhantes e o mais expressivo afecto possiveis. Delegou nos seus membros mais prestimosos para as levar a efeito e não regateou em despesas pecuniarias. Correram estas sem incidente digno de mensão quanto ao seu brilho; mas no final, quando chegou a ocasião de dar balanço aos gastos, verificou-se que tinha havido falta na parte que foi confiada ao bacharel Cunha e Costa e um seu digno amigo, Armando Erse ou João Luzo, porque ele usa estes dois nomes. Como boato vago primeiro, foi-se avolumando o numero de provas de tal maneira que a *Tribuna do Povo* em *sueltos* causticantes ou galhofeiros lançou-os, os dois amigos, na vala comum do desprêso publico. Imagine o que sería este escandalo formidavel numa terra pequena como esta e onde eles se não poderam defender pela penna, conquanto os dois a manejem com habilidade.

Vendo-se os dois a cada passo, cobertos de sarcasmo, e esmagados ponto por ponto nas suas impossiveis defêsas, resolveram aniquilar, a cacete, o jornalista que eles tinham como a alma exploradora de todo este escandalo.

Assim em 1-1-1899, o companheiro de Cunha e Costa, João Luzo, agrediu Olimpio Lima, que se defendeu até que a sua bengala se despedaçou aparando golpes do cacete do seu agressor. Deve notar-se porém, que João Luzo, explicou a razão da agressão por motivo muito diferente, mas ninguem o acreditou.

Nos festejos em honra dos marinheiros portuguêses do *Adamastor*, teve logar o *sarau literario*. Foi um espectaculo brilhante, porque o resultado era destinado aos cofres da *Associação protectora da infancia desvalida*, que mantem um asilo de orfãos. Tudo o que ha de digno nesta terra lá compareceu; todas as classes lá fôram honrar com a sua presença a festa dos marinheiros e concorrer com o seu obulo para a creação dos orfãos infelizes. O preço das entradas foi duplicado e no dia do espectaculo não havia logares vagos. Para atender aos reclames do publico, os promotores do *Sarau*, srs. Cunha e Costa e João Luzo, alugaram 50 cadeiras na casa Vinholes; foram imediatamente tomadas.

Cerca de trezentas pessoas, pagaram a entrada, contentando-se em estar de pé onde lhe fosse possivel, porque não havia cadeiras; e, todas pagaram 10$000 reis para entrar. Camarotes houve, que, sendo o seu preço usual 25$000 e elevados para aquela festa a 50$, foram pagos a 100$000. Tudo concorria para honrar os marinheiros e fazer bem aos pequeninos. Os proprios marinheiros em honra de quem era dada aquela festa, num rasgo gentil de paternal afecto para com os pobres orfãos, déram pelos logares que ocuparam 300$000 reis.

No relatorio que Cunha e Costa e João Luzo, apresentaram, dão o rendimento bruto de 6:100$ reis e explicam assim este rendimento:

500 cadeiras a	10$000 . .	5.000$
16 camarotes a	50$000 . .	800$
3 »	» 100$000 . .	300$

Como se vê, estes acusavam uma receita de 6:100$000. Não se referiram ás 50 cadeiras que trouxeram da casa Vinhóles, ás pessoas que entraram e ficaram em pé na plateia do teatro, nem ás

geraes, isto é, ás que assistiram das galerias. Mas isto é pouco ainda; eles não enganaram a comissão na receita apenas. Isto foi o *menos*; as despesas é que foram fabulosas, e extravagantes muitas das parcelas de que são compostas. Era preciso que o teatro fosse enfeitado. A comissão bem o sabia e Cunha e Costa bem lho lembrou. Lembrou-o de tal fórma que para isto entregou a Cunha e Costa 3:000$000 reis. Pois toda aquela receita e quasi todo este dinheiro foi gasto de maneira, que Cunha e Costa e João Luzo, apenas davam ao Asilo de Orfãos 1:385$ reis. Em festas diferentes e cobrando metade dos preços que Cunha e Costa e João Luzo cobraram, com o teatro em identicas circunstancias, sem um só dos rasgos de generosidade publica, além dos preços marcados, o Real Centro Portuguès de Santos recebeu mais de tres contos de reis em uma e o prestidigitador Amarante em outra, ele só, 2:400$000 reis! Conclue-se disto tudo, que o asilo deveria receber 5 ou 6 contos de reis.

Em 4 de janeiro de 1899, o jornalista Olimpio Lima, ainda doente da agressão do dia 1 do mesmo mez, começou a convencer-se que Cunha e Costa e João Luzo não entregavam para o Asilo, mais do que 1:385$000 reis. Nada os demoveu. Então Olimpio, vendo que o Asilo ia ser prejudicado, encetou a publicação duns artigos a que deu o titulo de—*Carta aberta*—e dirigia-os directamente aos membros da comissão dos festejos. Conseguimos arranjar um dos jornaes daquele tempo, para V. vêr o modo porque se conduzia o finado jornalista. O primeiro artigo saiu no dia 4 e nesse dia um dos membros da comissão procurou Olimpio Lima, e confessou-lhe que a comissão tinha realmente sido iludida, e que o que o jornal fazia era razoavel; este sr. foi Zeferino Lourenço Martins, atual vice-consul em exercicio. Neste mesmo dia a comissão reuniu, e pelos dados que julgou aceitar como mais razoaveis, resolveu entregar ao Asilo além de 1:385$000 que Cunha e Costa dizia ser o saldo, mais 3:200$000 reis. O jornalista Olimpio achou que era pouco e tentou convencer a comissão de que deveria elevar aquela quantia de 3:200$000 a 5:115$000.

A discussão continuou de parte a parte entre a comissão e o jornalista Olimpio Lima, até que afinal, após medonha e vergonhosa polemica, quanto aos factos, a comissão dos festejos pagou ao Asilo os 3:200$000 que lhe tinha destinado no dia 4, além de 1:385$ do *Sarau* e pediu a Olimpio Lima para se não referir mais ao assunto, encerrando assim a polemica. Isto em 18—1—1899. O jornalista Olimpio, em vigoroso artigo, enaltece o proceder nobre da comissão, concorda com ela, em encerrar a polemica e termina carregando mais uma vez sobre Cunha e Costa, que não ousava oferecer séria defêsa.

Além disto, a comissão teve que pagar muitas contas contraídas em nome da Comissão, por João Luzo e Cunha. Farta de ser explorada por todas as fórmas, anunciou em 12-1-1899 o seguinte:—A comissão declara que cessa a sua responsabilidade de qualquer conta que deixe de ser apresentada até ao dia 12, ás 3 horas da tarde, em casa do sr. tesoureiro, á rua 15 Novembro, 54.

* * *

A *União Portuguêsa* de 10-1-1899 trata do assunto.

Em 14-1-1899—Cunha e Costa, sabendo que ia ser demitido, fingiu que o não sabia e telegrafou pedindo a demissão, ao mesmo tempo que escrevia qualquer coisa, á guisa de defêsa e que teve imediata e fulminante resposta em 15-1-1899. A *Tribuna do Povo* deste dia, traz a historia completa da questão. Demonstra, publicando o relatorio da Comissão, que as despesas foram de 13:957$500 reis e termina assim:

«Responda sr. dr. Cunha e Costa, se puder. Esmague isso, não com palanfrorio, mas com factos, não com recibos, mas com as contas descriminativas.»

O titulo que ele deu ao artigo é—*Carta sem porte*.

Em 17-1-1899—Olimpio refuta Cunha e Costa ponto por ponto e termina assim:

«Mas em logar disso, porque Cunha e Costa não procurou obter a publicação do documento que o obrigou a pedir a demissão? Publique esse documento se tem coragem, se tem dignidade, se tem enfim, vergonha.»

A *União Portuguêsa* de 15-1-1899, em artigo assinado pelo jornalista Eugenio da Silveira, diz:

«Presumimos que está exonerado a esta hora, o sr. vice-consul de Portugal, em Santos, bacharel Cunha e Costa. Presumimos que está exonerado porque depois de gráves acusações que lhe foram feitas pela imprensa e pela Comissão Promotora dos Festejos ao *Adamastor*, S. Ex.ª não póde conservar-se em tal cargo, pois que foi na sua qualidade de vice-consul e não de simples particular que S. Ex.ª presidiu á Comissão........

E acaba assim:

«....... afinal trata-se de uma vergonha que nos punge em demasia.»

Que diría agora a *União Portuguêsa* se ainda existisse?...

O EPILOGO DUMA TRAGEDIA

O grande drama Caillaux têve, finalmente, o seu desfecho na terça-feira, terminando pela absolvição da esposa do ex-ministro das finanças de França e depois de terem falado durante um numero consideravel de horas os tres acusadores e por ultimo o defensor de *madame* Caillaux, *mr.* Labori, que produziu um comovente discurso todo inspirado no mais intimo sentimento, que impressionou a assistencia até ás lagrimas.

Os quesitos apresentados ao juri, foram apenas dois:

—*Madame* Caillaux é culpada de ter cometido o crime de homicidio voluntario na pessoa de Calmette?

—Foi o homicidio perpretado com permeditação?

A um e outro respondeu o tribunal negativamente em seguida ao que o juiz lavrou a sentença absolutoria que o publico recebeu com entusiasticas manifestações de simpatia a Caillaux, produzindo-se tambem outras de desagrado, prontamente sofucadas.

O discurso de Labori é considerado como uma peça oratoria de primeira grandêsa, pujante de talento e de habilidade, ocupando-se dele a imprensa em largas e elogiosas referencias.

Interrompido várias vezes, o eminente advogado terminou, num brilhante rasgo oratorio, por dizer que o seu desejo é que todos saissem do tribunal unidos e solidarios, neste momento soléne em que as espingardas do estrangeiro são apontadas contra a Patria, ameaçando-a sériamente.

Foi, na verdade, um apelo que calou fundo, impressionando vivamente a assistencia que, *au complet*, enchia o Palacio da Justiça, interessada devéras pela causa que tanto agitou o espirito da França.

O advogado

Conego João Ferreira Gomes mudou a sua residencia e escritorio da rua da Revolução n.º 3 para a rua da Sé n.º 1, onde continua a tratar de todos os negocios forenses com o maior zelo, rapidez e economia.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

IV

Explorando o povo

Perante os factos que tenho exposto neste jornal sob esta mesma epigrafe, factos que não foram nem pódem ser desmentidos, é de logica conclusão afirmar-se que o administrador deste concelho, Fernão de Lencastre, é um manequim nas mãos dos reacionarios e monarquicos, unicamente para continuar a sustentar o seu parasitismo dos cofres do Estado, para continuar a sugar a algibeira do povo. E' um contraste singular esta obediencia politica, pois foi por não lhe terem dado uma fatia do orçamento, que Fernão de Lencastre se filiou no partido republicano antes de 5 de Outubro. Se lhe tivéssem dado o logar de administrador do concelho, com o que os progressistas não concordaram por ser uma vergonha e um insulto á vila e concelho de Oliveira, o 5 de Outubro tinha-o encontrado a fazer côro com os que diziam, num desejo de sangue republicano—que essa alvorada revolucionaria, preparada por uma quadrilha de malfeitores e ladrões, havia de amortalhar, no crepusculo de esse mesmo dia, o ultimo suspiro do partido republicano; que os ribombos da artilharia e os estalidos sêcos das *Mausers* não eram mais do que o preparar do cadafalso onde se estrangulava, pela tardinha, como sobre-meza real, o resfolegar da Republica.

Se tivéssem cedido aos rogos dos que facilmente são misericordiosos e esmoleres com os bocados dos outros e se tivéssem coração sensivel ás lagrimas, Fernão de Lencastre não teria afivelado mais essa mascara e o povo deste concelho não tinha sentido as suas unhas raspar pelo fundo dos bolsos, sem repugnancia pelo acto e sem terror pela miseria.

E' sempre a mesma causa determinando-lhe a trajectoria da sua vida social.

E' sempre o mesmo criminoso com o auto-pregão da honradez.

Mas—dirá o leitor—quem o impele a tão vil procedimento? A ancia de comer sem trabalhar. E o povo não reage defendendo os seus haveres? Tudo paga, porque tem medo do sr. administrador e é ignorante.

Nada ha mais repugnante, nada revela mais falta de sentimentos do que extorquir dinheiro da bolsa de outrem quando o surripiador se impõe pela autoridade em que se acha investido e o surripiado é inconsciente.

Um facto que vou apresentar, prova bem o que digo.

Por uma lei de Setembro de 1913 sobre recrutamento militar, os mancebos que se quizerem ausentar do país depois da edade de 17 anos, teem de prestar caução por escritura publica, na qual outorgam, como representante da Fazenda Nacional, o administrador do concelho. Por esta assistencia não ha lei que lhe dê emolumentos, mas o sr. Fernão de Lencastre, á imagem e semilhança de alguns seus conterraneos, forja leis, exigindo a paga dessa assistencia, que é de dois escudos para cada escritura. Atestam esta verdade escrituras feitas nos notarios desta vila, citando para exemplo os dr. Sá Couto e dr. Correlhas.

Todo o individuo que assim procede, póde, com autoridade moral, censurar a vida do José do Telhado, desse homem que, não receando a morte, deixou nome na... historia do seu país?

Mas o sr. de Lencastre afirma—e infelizmente ha alguem que o escuta—que é um cidadão honrado, um empregado exemplar, um republicano sincéro!

Na minha opinião o sr. de Lencastre é um criminoso afortunado, pois gosa da liberdade quando outros, com mais cotação moral, estão enclausurados na Penitenciaria.

Esta sua imparcialidade só se póde explicar pela cordealidade da... minoria distrital.

O Partido Republicano Português disse e provou que a monarquia agasalhava sob o seu manto uma corja de ladrões e vampiros. Não queira agora que o partido monarquico diga e prove que a Republica se prepara para encobrir ladrões e vampiros.

Aplique-se a lei; abram-se as portas do carcere que Fernão de Lencastre, administrador do concelho de Oliveira de Azemeis, vae entrar, para lá comer o que ao povo tirou ilegalmente.

...Mas a reacção consentirá?...

29 | 7.º | 914

Lopes de Oliveira
(Medico)

AUDIENCIA GERAL

Efectuou-se na sexta-feira passada, como prenticiámos, o julgamento do guarda livros sr. Eurico Meireles, que nos principios deste ano raptou nésta cidade uma menor, terceiranista do liceu.

Presidiu á audiencia o integerrimo magistrado sr. dr. José da Gama Regalão, representando o M. P. o sr. dr. Adolfo Coutinho. Constituido o tribunal e apresentada a contestação por parte da defêsa, confiada ao nosso presado amigo, sr. dr. André dos Reis, seguiu-se o depoimento das testemunhas e por ultimo os debates em que o patrono de Eurico Meireles foi por vezes arrebatador, principalmente quando poz em confronto o procedimento do pae da raptada, perseguindo o seu cliente, com o deste, que logo quiz reparar o agravo cometido.

O juri lavrou em ultima analise o seu *veredictum* pelo que o réu saiu absolvido. A sentença não podia ser melhor recebida, dando logar a que tanto Eurico Meireles como o seu advogado, dr. André dos Reis, fossem muito cumprimentados pela numerosa assistencia que, por completo, enchia o tribunal.

TRANSCRIPÇÕES

Os nossos colégas *Justiça de Fafe* e *O Povo de Cambra*, déram-nos ainda a honra de transcrever, o primeiro, a carta do pae de Cunha e Costa e o segundo um *suelto* pertencente á secção *Films*...

Agradecemos.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Tesos

Numa reunião politica que o grupo evolucionista aí efectuou ha dias, lêmos no orgão local, que foi votada a seguinte moção:

O Partido Republicano Evolucionista do distrito de Aveiro, reunidos na séde do Centro Evolucionista os seus delegados dos diferentes concelhos, afirma solenemente a sua incompatibilidade com o Governador Civil do mesmo distrito, visto ter traido e continuar traindo os compromissos de politica extra-partidaria e resolve levar este seu protesto perante o Chefe do Estado a fim de que o Presidente do Ministério e seus representantes cumpram honestamente o programa presidencial.

Por sua vez, a *Republica*, que se publíca em Lisboa sob a direcção do sr. Antonio José de Almeida, insére este telegrama:

AVEIRO, 22.—O Partido Evolucionista do distrito de Aveiro, reunido hoje em assembleia geral no Centro Evolucionista désta cidade, saúda v. ex.ª pela sua nobre atitude perante o país e comunica ter cortado relações com o governador civil, visto haver esta autoridade violado os seus compromissos de politica extra-partidaria.

A Comissão

O que de tudo se nos afigura mais gràve é o tal acto de violação praticado pelo sr. dr. Augusto Gil, que, francamente, excéde tudo *quanto a antiga musa canta*...

Para se queixar désta maneira, calculâmos o estado em que o evolucionismo ficou...

Necrologia

Domingos Gamélas Junior

Não é do numero dos vivos já este nosso amigo a quem a tuberculose, que o vinha minando, poz definitivamente termo ao caír da tarde de quarta-feira.

Novo ainda, pois apenas contava 25 anos, cercado dos carinhos da esposa, que lhos prodigalisou com notavel dedicação, assim vêmos desaparecer êsse belo rapaz após longos mêses de sofrimento, mas sempre esperançado na cura, sempre corajoso e na espectativa de vencer o terrivel mal. Infeliz!

Domingos Gamélas Junior desde longa data que estava filiado no Partido Republicano Português, tendo feito parte de comissões e entrado em vários trabalhos que os correligionarios lhe exigiam e êle executava animado dum grande sentimento patriotico que era o seu melhor galardão.

O seu funeral, ontem realisado ás 18 horas, constituiu uma sentida manifestação de pezar por parte dos numerosos amigos do inditoso moço que até á ultima morada o quizéram acompanhar como prova da sua leal camaradagem. Organisaram-se vários turnos da porta do cemiterio até á capéla, indo o ataude coberto com a bandeira do Centro Republicano, cuja direcção se fez represeutar pela maioria dos seus membros.

Lamentando o triste desenlace, aqui nos apressámos a consignar á viuva do malogrado Domingos Gamélas os nossos sentidissimos pêsames.

* * *

Vitimado por antigos padecimentos, deixou egualmente de existir o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, antigo oficial do govêrno civil de Aveiro, hoje aposentado, e residente em Estarreja onde tinha familia.

O sr. José Brandão dirigiu algumas vezes a repartição a seu cargo, pois não só possuia a confiança dos seus superiores como ainda nêle concorriam todas as qualidades proprias dum grande caracter e inconcussa honradez.

Deixa viuva e filhos a quem apresentâmos a expressão das nossas condolencias.

* * *

Em avançada edade, pois contava 92 anos, finou-se tambem na quarta-feira, o sr. João Gomes Carapina, mais conhecido por João Barabundo, de profissão alfaiate cuja arte exerceu por indefinido espaço de tempo.

Era um bom velhote, que nas horas vagas *cortava unheiros* e pedia esmola para a missa das almas, embergando o habito da Ordem Terceira, o que lhe valeu tornar-se conhecido de toda a cidade, que, nesse mister, percorria ás segundas-feiras.

Paz á sua alma.

"O DOMINGO„

A este nosso presado coléga de Aldegalega apresentâmos cumprimentos afetuosissimos pela sua entrada no 14.º ano de existencia, pois tem sido, desde o seu inicio, um dos melhores advogados da causa republicana.

Muitas prosperidades lhe apetecêmos.

Administradores de concelho

Acabâmos de saber que vão ser nomeados para administrar os concelhos do distrito de Aveiro durante o periodo eleitoral, os seguintes cidadãos:

Agueda, capitão Antonio da Cunha e Costa; Albergaria-a-Velha, José Simões Serrano; Anadia, tenente João Joaquim Correia; Espinho, tenente Zeferino Camossa; Estarreja, capitão Gonçalves Ribas; Macieira de Cambra, Fernando da Silva Lima; Mealhada, tenente Alberto Viana Coelho; Oliveira de Azemeis, tenente Abilio Augusto Sobral; Ovar, alferes Augusto Gomes e Sever do Vouga, Eugenio Ribeiro.

ESCOLA NORMAL

Terminaram os exames de saída nésta escola, tendo sido aprovados os seguintes alunos que a frequentaram com honroso aproveitamento:

Ester Angelina Ferrer Antunes, 19 valores; Antonio Marques de Oliveira Castilho, 18; Clara Meireles, 18; Clarinda de Mélo, 18; Arminda Natalia Catarino da Maia, 17; Maria José de Oliveira Duarte, 17; Maria dos Prazeres Vieira Namorado, 17; Carlota Vieira, 16; Luiz Augusto Henriques Pinheiro, 16; Manuel José Patricio, 16; Maria do Carmo de Almeida Barreto, 16; Luciana Soares de Rezende, 15; Rosa da Anunciação Nunes Bonifacio, 15; Olivia Seabra de Moraes, 14.

Aos nossos assinantes de S. Thomé

a quem enviâmos á cobrança os recibos de *O Democrata* pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazerem logo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.

?!

Depois do mistério da doença da princeza Vitoria, esposa de D. Manuel; depois das desavenças caseiras que se seguiram á misteriosa enfermidade; ainda depois dos desmentidos confusos e vagos ao caso, aparece agora na imprensa o seguinte telegrama que integralmente reproduzimos:

LONDRES, 28 — Mantem-se absoluto segredo em torno da operação sofrida pela esposa do ex-rei Manuel. Os seus amigos mais chegados teem procurado em vão saber noticias.—S.

Mas onde e que diabo d

operação foi essa que não é dado aos mortaes conhecer do sitio e da especie?

Como o *Unha e Gosta* está para fóra, vamos a vêr se ele arma em cronista outra vez e se refere ao caso, desvendando o misterio.

Vamos a vêr. Embora cá para nós não haja mistério algum.

Porque a causa é das taes que quanto mais se esconde... mais se descobre...

Ultima hora

Demissão do governador civil de Aveiro

Lisboa, 30.

Pediu a demissão de governador civil desse distrito, o sr. dr. Augusto Gil, estando o govêrno na intenção de lha conceder.

C.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 28

A egreja de Ossela, Oliveira de Azemeis, profanada pelos mestres da religião fazendo déla coio reaccionário

A egreja de Ossela é uma ampla egreja em que o Estado dispendeu a bela soma de 3.000 escudos e o restante dinheiro para a concluir foi dado pelo benemerito Josè Bento, já falecido. Se bem que éla fosse destinada para o culto religioso, tambem tem sido adaptada a reuniões reaccionarias, tendo uma délas cabimento no altar-mór que, para não se saber do que se tratava, até o sacristão puzeram fóra e a outra na sacristia. Tudo misterios jesuiticos. Mas o que se espera destes sotainas? Eu,na qualidade de humilimo cristão, e como tenho algum conhecimento da materia religiosa, não possuo escrupulo algum em dizer que aquéla egreja está profanada logo que outros negocios que não os do céu ali foram tratados por esses profanadores e fraldeiros mestres da religião, conspurcadores das palavras do nosso misericordioso sonhador de Nazaret, que lhes torceram o sentido para as aproveitar em seu interesse, despindo-as de todo o espirito de justiça e verdade para as vestir com a roupagem da hipocrisia e da mentira.

Cristo, esse iluminado e talvez o primeiro republicano que existiu, dizia: — *amai-vos uns aos outros.* Prégava a moral sem interesse e seguia o exemplo; nunca foi reaccionario nem politiqueiro, mas esses tonsurados são uma perfeita antitese da sua doutrina. Os templos destinados ao culto servem para tudo e principalmente para coios da reacção onde os vendilhões do céu apregoam do pulpito a missa, a bula e mais outras drogas que por bom preço lhes pagam os misseiros para salvar as almas e para o engrandecimento da bolsa dêles. E porque é que se dá isto? E' porque eles abusam da ignorancia do pobre e ingenuo povo.

Cristo desprezava a riqueza, eles amam-na explorando pela mandria e ociosidade, pela devassidão e pela avareza, a boa fé do povo inculto. Talvez os templos, coios da reacção, perante o omnipotente tivéssem mais merecimento para serem adequados a albergar as familias dos proletarios, as creanças abandonadas que por essas terras andam curtindo a fome, envoltas em andrajos, para essas mães esqualidas e macilentas a quem a fome faz secar os seios impedindo-as de alimentar os filhos desses sotainas que as arrastaram á podridão e ao crime. Ainda encontramos padres cá no concelho, mas são poucos. A um, que quer seguir o caminho do bem, os seus colégas caluniam-no dizendo ao povo que ele não tem merecimento algum perante Deus por seguir com nitida pureza a doutrina de Cristo e querer constituir familia conforme a sociedade manda e a moral religiosa. Os sotainas, porém, julgam o contrario: entendem que é melhor destruir os lares, conspurcar mulheres, destruir a paz da familia e da sociedade em nome de Cristo, que se voltasse e os encontrasse dentro dos templos a profana-los com reuniões reaccionarias, os correria para fóra a chicote como prejudiciaes ás suas maximas, á Patria e á Republica.

Padre mestre

Ois da Ribeira, Agueda, 27

Como em a nossa ultima correspondencia nos referimos, em parte, ao padre Tavares, iremos narrar algumas das suas proezas que lhe tem sido algo perniciosas para a sua colocação na egreja desta freguezia.

Em novembro de 1912, não sabemos precisamente o dia, aqui nos apareceram os srs. dr. Eugenio Ribeiro, Armando Castela (já então administrador) e padre Tavares. Não nos surpreendeu a visita destes senhores por que um amigo nos contou a que vinham suas ex.as. Em seguida á chegada foi convocada uma reunião de todos os republicanos. Nela deu conta o padre Tavares que tinha sido nomeado pelo bispo para paroquiar a egreja de Ois. Ora como aqui ha uma Cultual o padre não se podia cá internar sem ordem desta. Os republicanos perguntaram ao padre em que condições queria ele vir para a egreja. Logo, muito senhor do seu nariz, o padre Tavares atalhou: não admito discussões; quero a egreja nas mesmas condições do seu antigo paroco. O que o padre disse mais sobre cultualistas e não cultualistas, não queremos aqui referir porque não fica airoso para nós, republicanos, que muito respeitosamente o estivémos a aturar. Não houve acordo entre a Cultual e o padre. Daí o padre começar a despejar os seus odios contra a Cultual e os seus socios, que se não fosse o manto de protecção dos nossos correligionarios de Agueda, ele saberia quanto lhe havia de custar. Mas assim, não. Ele póde fazer o que quizer contra a lei da Separação que a justiça de Agueda é tal qual como a do tempo do celebre Quim de Melo!...

Nesse tempo o tribunal e a administração do conselho estavam dependentes deste figurão. Pois hoje que estâmos em pleno regimen democratico, os leitores de Agueda não me saberão dizer de quem ela dependerá? Como tem força o padre Tavares para tudo aniquilar! Como os tempos mudam e os homens se rebaixam!...

Para o leitor conhecer melhor os feitos do padre Tavares vamos contar-lhe uma das *dele* e ainda fresca: João M. dos Reis, socio da Cultual, desta freguezia, foi batisar uma creança, sua sobrinha, ali ao visinho logar de Espinhel, de onde são os paes. Sabendo tal, o padre Tavares não lhe resistiu: na ocasião da missa afirmou logo que o batisado estava nulo por ser padrinho um cultualista! Isto em plena missa, é preciso notar.

O regedor não deu parte á administração deste baixo procedimento e afronta á lei da Separação, porque sabe que de nada valia a participação. Ora como a *Independencia de Agueda* foi e quer ser um jornal de bons principios revoltando-se sempre contra aqueles que prevaricam, que nos dirá ela sobre o padre Tavares? Talvez lhe chamasse correligionario se não tivésse medo dum desmentido... E não nos surpreenderia o facto porque ainda ha dias chamou correligionario a um tal Luiz M. de A. e Santos, desta freguezia, que é almeidista e tem escrito velhacarias contra os republicanos democraticos. E a *Independeucia* não ignora isto; chama-lhe, ainda por cima, correligionario... E' caso para dizermos: *quem te viu e quem te vê*... Se a manha anda de braço dado com o Toi...

= Estão a banhos na Barra de Aveiro os srs. Alberto Marques e sua familia; Luiz M. dos Reis e familia, ali do visinho logar da Cabanões e Albano Joaquim de Almeida e esposa, desta freguezia.

= Tem estado encomodado o sr. Jacinto Bernardo Henriques, digno presidente do Centro Republicano.

C.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

AGOSTO

DIAS	PHARMACIAS
2	BRITO
9	REIS
16	MOURA
23	LUZ
30	RIBEIRO

Anuncios